

SANGUE DE FLAMBOYANT



Sangue de Flamboyant

Marisa Mamede



© Moinhos, 2017.
© Marisa Mamede, 2017.

Edição:
Camila Araujo
Nathan Matos

Assistente Editorial:
Sérgio Ricardo

Revisão:
LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Editorial

Capa:
Humberto Nunes

1ª edição, Belo Horizonte, 2017.

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

M264s
Mamede, Marisa | Sangue de Flamboyant
ISBN 978-85-92579-54-8
CDD 869.91
Índices para catálogo sistemático
1. Poesia 2. Poesia Brasileira I. Título

Belo Horizonte:
Editora Moinhos
2017 | 52 p.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Moinhos
editoramoinhos.com.br
contato@editoramoinh.com.br

Rua Gustavo Ladeira, n. 11, 506/01
Paquetá — Belo Horizonte — MG
31.330. 572

Sumário

A casa azul,	7
Coração de jardineiro,	9
Moçárabe,	10
Menina,	12
Ana-Ilógica,	14
Microclima,	16
Poema quântico,	18
Poema preguiçoso,	19
Palavra escrita I,	20
Galeria dos brincos perdidos,	21
Calcanhar de Aquiles,	24
Realidade alcalina,	26
Poema subversivo,	28
Mais vale,	29
Flor esta,	30
Impasse,	32
Eclipse desperdiçado,	34
The game is afoot,	36
A pé (entre o Dionísio Torres e o Meireles),	38
A carta da irmã,	41
Parque das Garças,	44
Palavra escrita II,	46
Aleia das mimosas,	48
Intrigante,	50



A casa azul

a casa azul tinha uma varanda
com árvores a perder de vista
e neblina suspensa
sobre o tempo
naquela manhã

era uma casa azul
com dons de antigamente
e janelas abrindo-se em laterais
onde borboletas soçobravam

a casa, que era azul de pacífica
tinha escola à pé
e vizinhos com nomes
de onde por ventura
delicadezas viriam

a casa abrigava em seu seio
vida feminina
de mãe e filha
que em tudo se assemelham
e se põem mais belas
por estar juntas
e dividir segredos

a casa azul tinha essa beleza
não-supérflua
e meio intangível

em vez de
marcar-nos a memória
deixava em nós
uma leve reminiscência
de dias felizes por vir

Coração de jardineiro

é sentir a sede das plantas
e antever o lançar das folhas
antes das chuvas
quando a natureza aposta
e parece que vai perder
a razão para o estio

é discernir o botão de flor
em seu mais ínfimo
e regozijar-se da promessa
de beleza e fruto
junto com as abelhas

é sonhar néctares

Moçárabe

moçárabe extraviada,
dissimulo
a sensualidade recôndita
das mulheres proibidas

em meu corpo
cicatrices de raízes
desprendidas

na amêndoa dos olhos
visões de um al-andalus
que nunca foi a minha pátria
e no entanto habita meus sonhos

no eldorado tropical
a diáspora familiar como sina
de um povo que se espalha
mas não se desvencilha da origem

de matriz africana
vingada entre
o sertão do quixadá
e o dos inhamuns,
a memória ancestral da fome

essas e outras cicatrizes
marcando a alma
de navegador em exílio
que contempla o mar

e uma rebrota mais vigorosa
que começa a dominar
trazendo viço novo
ao ser antigo

misturando seivas
de raízes extintas
cresce de cicatrizes

será
tamareiro
azinheira
pau-branco
ou louro-ipê

o meu endemismo?

ai, sangue de flamboyant
tinge de verdade
o líquido
que de mim
deborda
e inunda
os meus poros